

PRODUÇÃO DOS RÓTICOS DURANTE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA: A LÍNGUA DE IMIGRAÇÃO HUNSRÜCKISCH

Giovana Ferreira Gonçalves³⁴

Felipe Bilharva da Silva³⁵

Helena Cristina Weirich³⁶

RESUMO

Situado no conjunto dos estudos que analisam a relação entre os sistemas linguísticos presentes em indivíduos bilíngues, este trabalho tem como objetivo investigar a produção oral e escrita dos segmentos róticos por crianças estudantes da 3ª, 5ª e 7ª séries de uma escola pública localizada na cidade de Agudo, região de colonização alemã. A fim de obter os dados que compuseram a pesquisa, foram realizadas coletas de narrativas orais – captadas com o recurso de gravadores digitais *Oregon Scientific VR-636* – e escritas, produzidas pelos referidos estudantes, divididos em monolíngues (grupo M) e bilíngues (grupo B), baseando-se, para tal, na história não verbal *Frog, where are you?* (Mayer, 1969). A coleta foi realizada no ano de 2009, constituindo uma amostra de dados transversal. Após a digitalização de todo o material coletado, os itens lexicais constituídos por róticos foram separados em quadros, os quais indicaram se a produção atingia ou não a forma alvo e, em caso de negativa, qual fora a estratégia de substituição utilizada pelo falante. O total de acertos foi contabilizado em quadros – divididos por série e por grupo – e uma análise estatística foi realizada, com o auxílio do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0, a fim de verificar se havia diferença significativa entre o índice de trocas dos grupos B e M. Os resultados apontaram que a língua de imigração *Hunsrückisch*, falada no município, influencia tantos monolíngues quanto bilíngues, gerando trocas em diversas posições silábicas.

PALAVRAS-CHAVE: Róticos. *Hunsrückisch*. Aquisição da escrita. Fonologia. Bilinguismo.

ABSTRACT

The aim of this paper, situated within the realm of studies that explore the relation between linguistic systems found in bilingual individuals, is to analyze the oral and written production of rhotic consonants by third-, fifth- and seventh-graders from a public school located in the small town of Agudo, a German colonization zone. The data for the research were gathered through the recording – using the digital voice recorder *Oregon Scientific VR-636* – and transcription of oral narratives of the non-verbal story *Frog, where are you?* (Mayer, 1969) produced by the aforementioned students, who were divided into two groups of monolingual speakers (group M) and bilingual speakers (group B). The data were collected in 2009, so that they would constitute a cross-sectional sample. After digitizing the entire material, the lexical items containing rhotic segments were listed on separate tables, which indicated whether or not the production matched the target form; in case it didn't, they pointed out to the strategies adopted by the speakers. The number of correct answers was also listed on tables – which were divided by school year and by group – and a statistical analysis was conducted using the *SPSS Statistics 17.0* software, in order to check for significant differences among groups B and M. The results indicate that the *Hunsrückisch* immigrant language that is spoken in the aforementioned town has an influence over both monolingual and bilingual speakers, which leads to many shifts in the position of syllables.

KEYWORDS: Rhotics. *Hunsrückisch*. Writing acquisition. Phonology. Bilingualism.

1. INTRODUÇÃO

Na metade final do século XIX, teve início, no Brasil, um intenso processo imigratório de trabalhadores oriundos, especialmente, da Ásia e da Europa, incentivados por benefícios fornecidos pelo governo brasileiro da época. Os imigrantes viajavam para o Brasil em busca

³⁴ Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas, onde atua no Centro de Letras e Comunicação, em Cursos de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras. gfgb@terra.com.br

³⁵ Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrando em Letras pela UFPEL felipebilharva@yahoo.com.br

³⁶ Graduada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal de Pelotas. Tutora na Universidade Federal de Santa Catarina. helenaweirich@yahoo.com

de novas oportunidades de vida, incentivados por campanhas brasileiras e pelas oportunidades dadas pelos donos de terra, os quais buscavam opções de mão de obra que substituíssem a escrava, após a abolição de 1888, especialmente. Além disso, o governo demonstrava grande interesse em uma substituição da cultura brasileira, empobrecida, segundo ele, pela presença negra e indígena. Ribeiro (1995) aponta esse anseio como uma das principais causas do movimento imigratório na época.

Tal dinâmica originou-se, especialmente, pelo anseio da oligarquia brasileira em “enriquecer” culturalmente sua sociedade, a qual, segundo ela, era inferiorizada devido ao alto número de negros e índios que habitavam e trabalhavam no país (RIBEIRO, 1995, p. 436).

O processo de colonização resultou na formação de inúmeras cidades habitadas por imigrantes europeus, as quais apresentam, cultural e socialmente, características marcantes da origem étnica de seus moradores. Um exemplo é Agudo, município localizado na região central do Rio Grande do Sul, entre as cidades de Santa Maria e Santa Cruz do Sul. Composta por quase dezoito mil habitantes (segundo o IBGE), Agudo apresenta um grande índice de descendentes de alemães que habitam a região desde o ano de 1857.

A descendência germânica exerce, ainda hoje, grande influência na comunidade, e um dos aspectos mais significativos dessa influência se encontra na fala. A língua de imigração falada pelos primeiros imigrantes, denominada *Hunsrückisch*, é utilizada por grande parte da população, em concomitância com o português brasileiro; esse contato cria uma variedade do Português dotada de traços característicos. É recorrente, portanto, a produção, na oralidade, de trocas como /p/ para [b], /t/ para [d] e /k/ para [g]. Altenhofen e Margotti (2011) referem, ainda, a presença de outros processos fonológicos, como a substituição da fricativa /x/ pela líquida não lateral [r] e a monotongação do ditongo nasal. A ausência de palatalização também é reportada.

Tendo em vista a riqueza cultural e linguística de que são constituídas as regiões de colonização no Rio Grande do Sul, o presente artigo visa à análise do comportamento dos segmentos róticos ao longo da fase de aquisição da linguagem escrita. A partir dessa análise, busca-se investigar se a língua de imigração falada pelos moradores interfere no aprendizado da variedade escrita em Língua Portuguesa, avaliando, além disso, se essa possível interferência é amenizada ou não ao longo do processo de alfabetização. Por fim, objetiva-se investigar se crianças bilíngues apresentam características linguísticas, em Língua Portuguesa, distintas das de crianças monolíngues.

Para a concretização dessa investigação, selecionou-se um *corpus* constituído por oitenta e sete produções orais e escritas, realizadas por quarenta e quatro sujeitos monolíngues

e bilíngues, estudantes da terceira, quinta e sétima séries de uma escola pública. A partir das investigações e análises propiciadas por esta pesquisa, busca-se contribuir para os estudos que tratam da aquisição bilíngue da linguagem e da relação de mútua influência entre a oralidade e a escrita. Acima de tudo, espera-se que, compreendendo-se as nuances da fala característica de Agudo, seja possível auxiliar os professores da região a compreenderem os fenômenos linguísticos que perpassam o aprendizado de seus alunos, possibilitando que, dessa maneira, saibam como lidar com eventuais problemáticas originadas no momento da alfabetização.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Ao realizar uma pesquisa envolvendo a classe de segmentos denominada “róticos”, é importante levar em consideração a complexidade de compreensão apresentada pela literatura de estudos fonológicos em categorizar, delimitar e, mesmo, definir os diferentes sons de “r”. A principal questão que impõe obstáculos quanto a uma integral compreensão reside no fato de que, inseridos em um mesmo conjunto, consta uma grande diversidade de sons que se diferenciam entre si, especialmente do ponto de vista fonético³⁷. É possível considerar, por exemplo, que, no Português Brasileiro (PB), integra a classe dos róticos o fonema /x/, uma fricativa velar – deixando de lado a discussão a respeito do ponto de articulação exato que a fricativa posterior assume no PB; ao mesmo tempo, inclui-se, no mesmo grupo o tepe alveolar, /r/, uma vibrante simples. As diferenças articulatórias entre os dois sons são, no entanto, muito claras, tanto no que se refere ao modo quanto ao ponto de articulação.

Se a fonética parece não dar conta de um agrupamento dos róticos, fonologicamente, por outro lado, a literatura da área tem apontado que esse grupo parece comportar-se de forma bastante regular. Lindau (1985) estabelece uma série de características que revelam a integralidade do grupo.

Róticos ocupam o mesmo lugar em sistemas consonantais e em estruturas silábicas de diferentes línguas. Em línguas dotadas de onsets complexos, os róticos tendem a ocorrer próximo ao núcleo da sílaba. Em geral, rs pós-vocálicos tendem a se tornarem vogais ou a desaparecerem (...). Róticos apresentam efeitos similares no ambiente: vogais antes de r tendem a se alongar, como no Inglês e no Sueco. (...) Os róticos frequentemente se alternam com outros róticos (LINDAU, 1985, pp. 157-158, tradução nossa).

Conforme referido anteriormente, a definição da classe igualmente impõe complexidades aos estudiosos, fato indicador de que determinados conceitos a respeito do grupo ainda não sejam consensuais. Miranda (1996, p.24), por exemplo, define os róticos

³⁷ Maddieson (1984, p.73) aponta, no entanto, similaridades fonéticas e fonológicas envolvendo os segmentos líquidos e róticos nas línguas do mundo.

como “todos os sons de ‘r’, os quais, por terem similaridades acústicas e padrão fonológico comuns com as laterais, com elas constituem a classe das líquidas”. A inserção dos róticos no interior do conjunto das consoantes líquidas é compartilhada por Maddieson (1984, p.80), no entanto, o autor sinaliza que “uma fricativa uvular desvozeada nunca é considerada como um som de ‘r’, e, em geral, fricativas uvulares parecem ser mais próximas de fricativas velares.”

No que se refere à aquisição dos segmentos róticos em Língua Portuguesa, a complexidade, detectada pelos pesquisadores quanto à compreensão e explicação da classe, parece novamente revelar-se. As pesquisas realizadas apontam para uma apropriação e utilização dos diferentes sons ocorrendo em diversas etapas e submetendo-se, especialmente, a fatores de ordem linguística, como o posicionamento do fonema no interior da palavra. Miranda (1996), ao investigar crianças monolíngues residentes dos municípios de Pelotas e Porto Alegre, encontrou diferenças na aquisição do chamado ‘r-forte’, precoce, concluída em torno dos 2:6, e do ‘r-fraco’, tardia, concluída por volta dos 3:8. Tais resultados ressaltam o fato de que a aquisição do /r/, de modo geral, é uma das mais complexas e, conseqüentemente, posteriores do Português Brasileiro.

Apesar de a literatura da área considerar /x/³⁸ como parte integrante da classe das líquidas, os dados parecem, no entanto, apontar para um comportamento muito diferenciado entre /x/ e /r/. O primeiro, por exemplo, emerge apenas em posição de onset silábico, o segundo, em três posições: onset medial, onset complexo e coda. Ainda considerando-se as diferenças, Miranda (1996), Rangel (1998) e Bonilha (2004) apontam para a emergência precoce de /x/: 2:6, de 1:6 a 3:0 e de 2:1 a 2:7, respectivamente, em detrimento de /r/. Outro ponto a ser destacado é que, ainda que sejam constadas, para a produção de /x/, estratégias de reparo como substituição por [l] ou semivocalização – também comuns a /r/ –, encontra-se também a aplicação da estratégia de reparo de plosivização – [t] para /x/ –, que, segundo Miranda (1996), seria prevista para a aquisição dos segmentos fricativos.

Diante da problemática classificação dos róticos no interior dos sistemas linguísticos, Wiese (2003) cita, ainda, um paradoxo: como é possível um grupo que apresenta ampla variabilidade fonética constituir, como de fato parece ocorrer, uma unidade fonológica? Segundo ele, a dificuldade maior reside no fato de que é impossível uma classificação baseada em aspectos fonéticos. Buscando dissolver o paradoxo, propõe que os róticos sejam definidos de acordo com sua sonoridade; assim, esse grupo constituiria um espaço próprio na escala de sonoridade, situando-se entre as laterais e os glides. Miranda (1996), com base nas diferenças

³⁸ Frequentemente reportado como /R/ (MEZZOMO e RIBAS, 2004).

constatadas no processo de aquisição da fonologia do português, propõe, no entanto, que apenas /x/ esteja classificado, seguindo a escala de soância de Bonet e Mascaró (1996), como próximo aos segmentos fricativos.

Os róticos são extremamente comuns nas línguas do mundo. Segundo Maddieson (1984), 76% dos idiomas são dotadas de segmentos róticos, embora, na maior parte deles, 57,7%, conste um único fonema. Em aproximadamente 18%, entretanto, há mais de um, havendo, assim, contraste entre eles. No Português Brasileiro, os sons de “r” comportam-se de forma diferenciada dependendo da posição na sílaba e na palavra. Segundo Miranda (1996), em posição de onset em início de palavra, apenas [R] é encontrado, como em [R]ato; em coda, nota-se alofonia entre [r] e [R], percebida na diferença entre a fala de um gaúcho e de um carioca, respectivamente; em onset medial, há contraste e, conseqüentemente, dois fonemas distintos, como em ca[r]o e ca[R]o; em onset, após /S/, /l/ ou /N/, apenas [R] é detectado, como em is[R]ael; por fim, em obstruintes tautossilábicas, percebe-se apenas [r], como em p[r]ato. Os resultados encontrados na presente pesquisa, conforme poderá ser observado nas seções seguintes, parecem apontar também para uma alofonia em posição de onset em início de palavra, considerando-se os dados de Agudo.

3. PREPARAÇÃO: A METODOLOGIA

Entre a coleta dos dados e a análise dos resultados realizadas por esta pesquisa, uma série de passos metodológicos foram desenvolvidos, a fim de transformar o *corpus* colhido em dados científicos passíveis de uma investigação científica. O projeto no qual este recorte investigativo se insere, “Aquisição da escrita: influências do dialeto alemão”, teve início no ano de 2008.

No referido projeto, foram selecionadas as turmas de 2ª, 4ª e 6ª séries, em uma investigação longitudinal baseada em duas coletas. Esse foco justificou-se pela necessidade de uma observação que desse conta tanto do período inicial da alfabetização quanto de uma etapa mais posterior, quando os estudantes, provavelmente, já haveriam resolvido a maior parte das problemáticas que se apresentam nos primeiros anos de contato com a escrita. Esperava-se, dessa forma, observar os contrastes entre os dois extremos, buscando avaliar fenômenos que eram amenizados e fenômenos que perduravam ao longo do processo. A 1ª série, é válido ressaltar, foi excluída porque a maioria dos pequenos estudantes ainda não estava escrevendo na época da visita à escola.

Juntamente com os termos de consentimento e autorização, foram enviados aos pais dos alunos questionários que buscavam compreender o nível de contato dos filhos com a

língua de imigração *Hunsrückisch*. Nesse questionário, constavam perguntas como: “Seu filho fala alemão?”; “Seu filho compreende alemão?”; “Qual a frequência de uso do alemão em casa?”. As respostas fornecidas pelos pais colaboraram com a realização de um levantamento sobre a proficiência das crianças na língua de imigração ou avaliando, simplesmente, quais delas eram monolíngues e quais eram bilíngues.

Para a constituição do recorte descrito por este trabalho, foram selecionados, dentro do *corpus* apresentado acima, apenas os dados obtidos na segunda coleta, ocorrida no ano de 2009, quando os estudantes investigados integravam a 3ª, a 5ª e a 7ª séries. A seleção pela segunda coleta justifica-se pelo fato de que, dessa, participou um grupo de alunos substancialmente mais extenso, o que propiciaria uma abordagem quantitativa mais robusta e, conseqüentemente, mais passível de generalizações.

No que se refere à metodologia empregada para a coleta dos dados, duas etapas foram demarcadas: em um primeiro momento, ocorreram as entrevistas orais, nas quais os estudantes, individualmente, dirigiram-se a uma determinada sala, em sua própria escola, e, na presença e sob o estímulo dos pesquisadores, entraram em contato com o livro *Frog, where are you?* (Mayer, 1969) – constituído integralmente por uma linguagem não verbal – e, após a observação, contaram com suas palavras a estória do menino que saía pela floresta em busca de seu sapo de estimação. As entrevistas foram registradas com o recurso de um gravador digital *Oregon Scientific VR-636*. Em um segundo momento, procedeu-se à coleta dos dados de escrita. Em sala de aula, durante período cedido pelas professoras titulares da turma, os estudantes foram incentivados a recontar a estória anteriormente observada, dessa vez por meio de uma narrativa escrita.

Concluídas as coletas, a etapa de organização do banco de dados teve início. As oitenta e sete produções orais e escritas analisadas neste trabalho foram, inicialmente, digitalizadas, sendo, na sequência, transcritas. Estando o *corpus* organizado, a etapa de levantamento dos segmentos alvo da pesquisa começou a ser desenvolvida. Para tanto, os estudantes foram divididos em dois grupos, bilíngues (grupo B – 22 alunos) e monolíngues (grupo M – 22 alunos), baseando-se, para tal divisão, em respostas fornecidas pelos pais no preenchimento do questionário. Compostos os grupos, todos os itens lexicais dotados de segmentos róticos foram listados em quadros que apontavam se a produção realizada correspondia ou não à forma esperada para o Português Brasileiro – tomando como parâmetro a distribuição proposta por Miranda (1996), exposta no capítulo anterior. Os dados com produções diferenciadas eram transcritos foneticamente, revelando as estratégias de reparo utilizadas pelo falante.

Após essa etapa, tiveram início os levantamentos quantitativos responsáveis por apresentar uma descrição completa a respeito do uso dos segmentos róticos nos grupos investigado. Inicialmente, foram contabilizados os índices de produções que atingiram e das produções que não atingiram a forma alvo, criando, assim, quadros com os comportamentos gerais dos dois grupos nas diferentes séries. A fim de possibilitar uma generalização dos resultados da amostra, foi procedida uma análise estatística, utilizando-se, para tal, dos recursos fornecidos pelo programa *SPSS Statistics*, versão 17.0.

Por fim, as estratégias de reparo foram quantificadas e organizadas em grupos, de acordo com o fone ou o grafema esperado em cada contexto. Dotando-se de tais informações, tornou-se possível a realização de uma análise completa dos fatos envolvendo a produção dos róticos por falantes em etapa de aquisição da linguagem no município de Agudo.

4. OS SEGMENTOS RÓTICOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Análise estatística descritiva - oralidade

Buscando-se indicar as tendências gerais de produção dos róticos na fala e na escrita dos sujeitos analisados, dados das diferentes séries e dos grupos B e M quanto às produções orais, foram alinhados. O quadro 1 possibilita a visualização do desenvolvimento das produções ao longo do processo de escolarização.

Segmento	Terceira série (%)		Quinta série (%)		Sétima série (%)	
	Monolíngues	Bilíngues	Monolíngues	Bilíngues	Monolíngues	Bilíngues
[x]	55,1	1,7	40,7	10,9	75,4	56,7
[r]	87,5	85,8	78,7	91,0	87,3	97,2

Quadro 1: índice percentual de produções que atingiram a forma alvo por série e grupo – oralidade.

Observando-se, inicialmente, o comportamento do fone [x], na modalidade oral, é possível observar um fenômeno que perpassa grande parte dos dados analisados, tanto no grupo M quanto no B: a não produção da fricativa velar em posição de onset. Em seu lugar, conforme será observado nas estratégias de reparo empregadas, os falantes utilizam – por vezes de forma quase categórica – a líquida não lateral alveolar, gerando formas como [‘ra.tu]. Mesmo que ambos os grupos realizem, em grandes escalas, essa substituição da fricativa pela líquida, o quadro 1 indica que há uma diferença de comportamento entre os grupos, uma vez que os monolíngues mantêm o fone esperado de forma mais frequente, o que

pode ser facilmente percebido quando analisados os resultados referentes à terceira série (grupo M: 55,1% de produção; grupo B: 1,7% de produção). O comportamento do segmento ao longo do processo de alfabetização revela que há uma tendência geral ao aumento da produção da fricativa nos dois grupos. No M, apesar de ser notada uma queda de percentuais da terceira para a quinta série, os valores da sétima comprovam a evolução (75,4%). Já no grupo B, apesar de contar com valores substancialmente mais baixos, a evolução é igualmente percebida, e ocorre de forma regular, revelando valores (56,7%), na sétima série, que parecem indicar uma mudança efetiva na fala de vários estudantes.

No que se refere às estratégias empregadas pelos dois grupos nos casos em que o fone [x] não foi produzido, conforme exposto, elas indicam uma única direção. A ampla produção de segmentos líquidos em posição de onset parece fazer parte da variedade linguística característica do município de Agudo, conforme revela o gráfico 1.

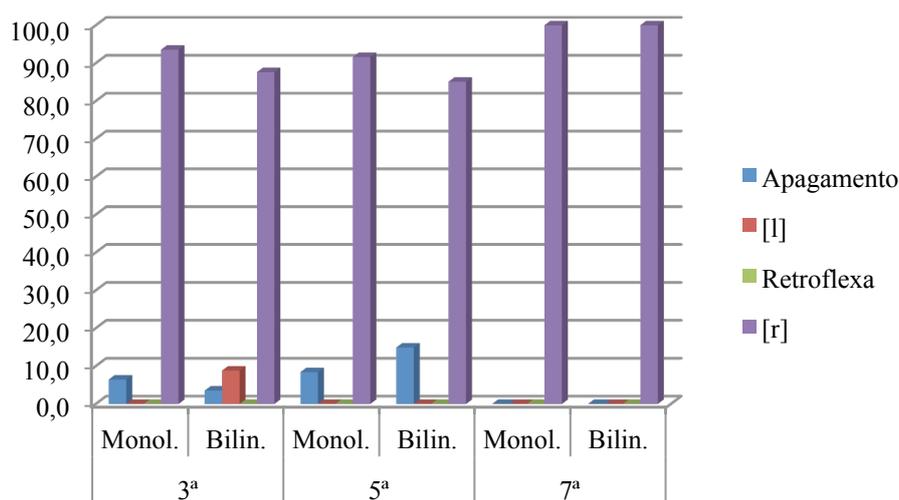


Gráfico 1: principais estratégias de reparo do fone [x] - oralidade.

É possível observar, no gráfico 1, que, nos casos em que a fricativa velar não é produzida, a estratégia maciçamente empregada é a produção de [r]. Entre os bilíngues da terceira série (o grupo que produziu a fricativa em apenas 1,7% das vezes), é possível notar casos de apagamento e de utilização de líquida lateral alveolar, gerando formas como [ˈla.tu]. Nas demais séries, casos de apagamento também são percebidos, embora em escalas bastante inferiores à produção de [r].

Ainda em relação ao quadro 1, é possível verificar os índices de produção do segmento [r], o qual é esperado em posição de coda, onset medial e onset complexo. Ao contrário do ocorrido com o segmento [x], os índices percentuais de produção da forma alvo são relativamente altos, em todas as séries e grupos. Entretanto, é igualmente percebida uma

recorrência de trocas que perpassa quase todos os momentos – os valores variam entre 85% e 91%, na maioria dos casos –, excetuando-se, talvez, o grupo B da sétima série, em que as ocorrências não esperadas são muito baixas (97,2%). Outro fator relevante é o maior número de trocas apresentado pelo grupo M, quando as hipóteses desta pesquisa apontavam exatamente o oposto, devido à influência da língua de imigração em seus sistemas linguísticos. Quanto às estratégias de reparo utilizadas pelos sujeitos investigados, o gráfico 2 aponta as tendências gerais identificadas pelos pesquisadores. Vale ressaltar que os casos de apagamento em posições de final de palavra em verbos conjugados no infinitivo não foram contabilizados, uma vez que tal prática é utilizada pela maciça maioria dos falantes de Língua Portuguesa, não podendo ser considerado um fenômeno inesperado.

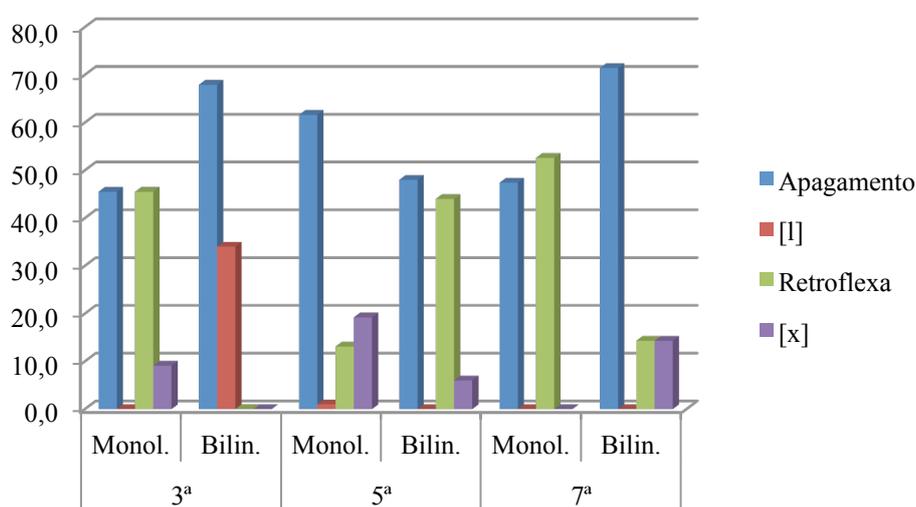


Gráfico 2: principais estratégias de reparo do fone [r] - oralidade.

Pode-se verificar, no gráfico 2, que a distribuição percentual das estratégias de reparo utilizadas pelos falantes é diversificada, especialmente quando se estabelece um comparativo com o verificado no gráfico 1. Os falantes realizam diversas operações, embora uma tendência ao apagamento seja detectada. Uma ocorrência deveras frequente, não esperada nas hipóteses iniciais deste trabalho, é o emprego da líquida retroflexa não lateral em posições de coda, proporcionando produções como [‘pOÇ.ta]. O uso da líquida lateral foi novamente percebido – em grande maioria pelos bilíngues da terceira série –, bem como o uso da fricativa, gerando o efeito inverso ao notado no primeiro gráfico.

4.2 Análise descritiva - escrita

Além dos resultados obtidos na coleta oral, aqueles quantificados na coleta escrita apresentaram um número de fenômenos linguísticos igualmente interessantes, os quais, em

certa escala, revelaram relações com os primeiros. O quadro 2 apresenta o índice de produções grafadas de acordo com a forma alvo esperada em Língua Portuguesa.

Segmento	Terceira série (%)		Quinta série (%)		Sétima série (%)	
	Monolíngues	Bilíngues	Monolíngues	Bilíngues	Monolíngues	Bilíngues
rr	87,7	60,0	46,3	71,4	75,9	79,2
r	96,7	96,1	95,4	97,3	97,8	97,5

Quadro 2: índice percentual de produções que atingiram a forma alvo por série e grupo – escrita.

Observando o quadro 2, nota-se, acima de tudo, algumas dificuldades de grafia do dígrafo “rr”, tanto no grupo M quanto no B, a exemplo do que ocorreu nos dados do segmento [x] nas entrevistas orais. Dessa forma, parece evidente que a oralidade está exercendo uma influência relevante nos dados da escrita, apesar de os valores não serem tão acentuados nesta como o são naquela. Um exemplo que parece endossar essa tese são os índices apresentados pelos estudantes monolíngues da quinta série (46,3%), os quais parecem acompanhar de forma fidedigna as muitas trocas por eles realizadas na oralidade (40,7%). Outro fato relevante é o desempenho similar, e por vezes superior, como na quinta série, do grupo B com relação ao grupo M. Uma vez que realizam muitas trocas na oralidade, seria esperado que eles as repetissem na escrita, o que fazem, entretanto, apenas em pequena parcela. Pode-se supor, a esse respeito, que já tenham desenvolvido uma consciência crítica a respeito da relação oralidade/escrita, provavelmente alertados por pais e professores devido à sua fala marcada, compreendendo, assim, as diferenças entre os dois sistemas. Um fato que desperta a atenção, entretanto, é o alto número de acertos apresentado pelos estudantes da terceira série, em especial os monolíngues. Como essas crianças encontram-se em etapa precoce da alfabetização, seria esperado que ainda não tivessem compreendido inteiramente a relação entre a fala e a grafia dos sons, e cometessem uma taxa de trocas mais alta. Não é o que ocorre.

As estratégias de reparo empregadas parecem convergir para a hipótese de que a oralidade está exercendo forte influência na escrita, conforme pode ser observado no gráfico 3.

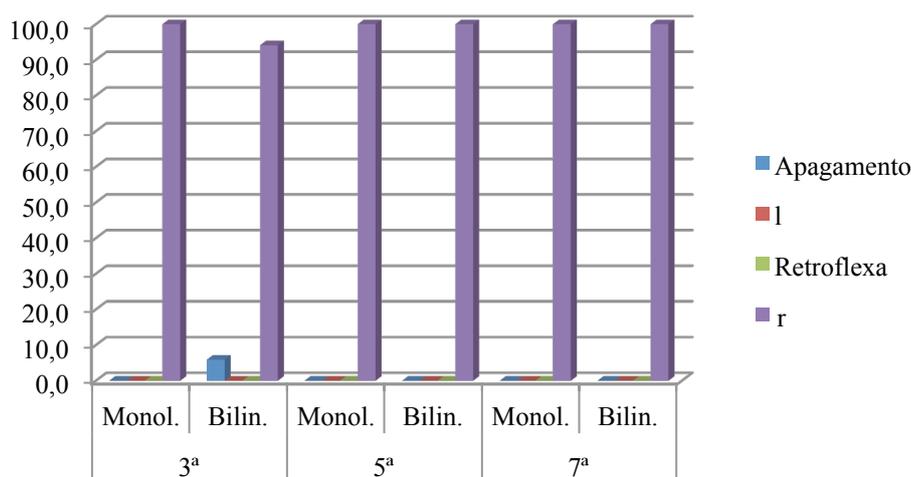


Gráfico 3: principais estratégias de reparo do dígrafo rr - escrita.

A exemplo do que ocorreu nos dados da oralidade, as estratégias de reparo convergem para uma única direção: a escrita de “r” em contextos nos quais deveria ter sido utilizado “rr”, gerando palavras como **aróio*. Essa tendência, conforme já referido, parece apontar para o fato de que a oralidade exerce influência na escrita de Agudo, levando os estudantes a transferirem para esta características peculiares daquela. As trocas apresentam representatividade ainda maior nos dados de escrita, não havendo, praticamente, registro de outras estratégias de reparo.

No que diz respeito, finalmente, aos dados em que a letra esperada era “r”, torna-se possível afirmar que apresentam o maior número de obtenções da forma alvo, sendo registradas, em todos os grupos e séries, apenas escassas trocas. As estratégias de reparo apontam, a exemplo do ocorrido com [r] na oralidade, ocorrências diversificadas, embora seja válido ressaltar que as barras salientes no gráfico 4 não representem alto número de ocorrências, mas, pelo contrário, casos esporádicos.

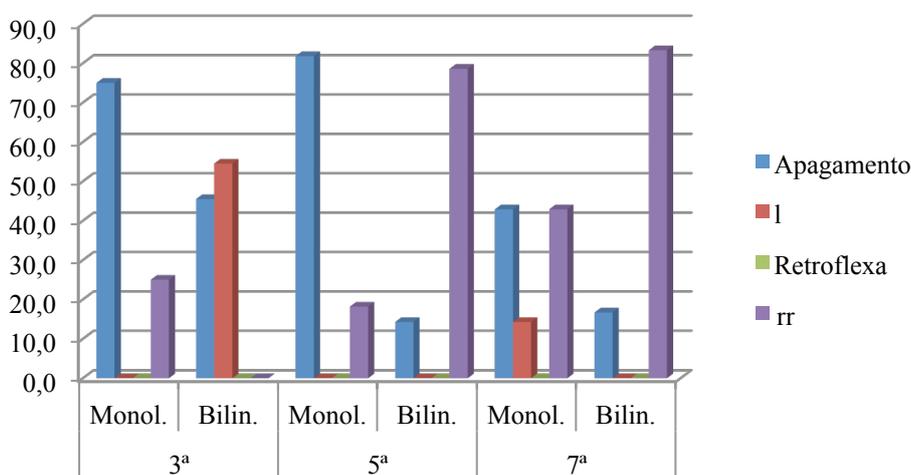


Gráfico 4: principais estratégias de reparo da consoante r - escrita.

As ocorrências de trocas de “r” por “rr” – apesar de, conforme já frisado, representarem um número total de casos bastante baixo – por parte dos bilíngues, na quinta e na sétima série, podem indicar uma supergeneralização de uma regra possivelmente aprendida com os pais ou na escola. Como esses alunos produzem, em grande parcela, [r] em posição de onset absoluto na oralidade, é possível que tenham sido instruídos a grafar, nesses casos, as mesmas palavras com “rr”; aprendida a regra, é provável que tenham passado a generalizá-la de forma exagerada, supercorrigindo produções como [a.ma.'rE.lu] por meio da grafia *amarrelo.

4.3 Análise estatística inferencial – oralidade e escrita

A fim de serem estabelecidas generalizações a respeito dos fenômenos detectados na estatística descritiva, optou-se pela realização de procedimentos estatísticos inferenciais, possibilitados pelos recursos do programa *SPSS Statistics*, versão 17.0.

Como os dados integrantes da pesquisa constituíam um design intersujeitos (alunos diferentes entre um grupo e outro), com variáveis dependentes de ordem intervalares (percentuais de itens que não atingiam a forma alvo), o teste selecionado foi o T de variáveis independentes. Os testes de normalidade e homogeneidade, entretanto, revelaram distribuições anormais, o que impossibilitou o avanço da análise com testes paramétricos. Dessa forma, optou-se pelo correspondente não paramétrico do teste T, o teste de *Mann-Whitney*.

Confrontados os resultados dos dois grupos, foram percebidas diferenças significativas nos casos expressos nos quadros 3, 4 e 5.

Quinta série - Oralidade				
	Média/ dp (%) por série			
Segmento	Monolíngues	Bilíngues	Valor de p	Valor do teste (Z)
[x]	59,1/ 41,2	84,5/ 29,9	0,042	-2,032
[r]	24,8/ 20,4	13,4/ 18,6	0,049	-1,971

Quadro 3: Diferenças significativas entre o percentual de trocas de monolíngues e bilíngues, produções orais da 5^a. série

O quadro 3, responsável por indicar os resultados da quinta série, revela que houve uma diferença significativa de trocas entre monolíngues e bilíngues tanto na produção do segmento [x] (Z= -2,032; p= 0,042) quanto na produção de [r] (Z= -1,971; p= 0,049). Os dados de [x] convergem para as hipóteses iniciais deste trabalho, ou seja, indivíduos

bilíngues, influenciados pela língua de imigração, cometeriam um número de trocas superior em relação aos monolíngues. Conforme anteriormente notado, o grupo B cometeu um grande número de substituições por [r], fato que justifica a diferença significativa percebida no teste.

O fato que desperta a atenção, entretanto, é os resultados expressos na produção de [r]. Contrariando as expectativas iniciais, o grupo M cometeu um número de trocas consideravelmente mais alto do que o grupo B, revelando a dificuldade encontrada pelos falantes na produção desse segmento.

Quinta série - Escrita				
	Média/ dp (%) por série			
Segmento	Monolíngues	Bilíngues	Valor de p	Valor do teste (Z)
rr	57,6/ 38,6	27,6/ 32,3	0,047	-1,987

Quadro 4: Diferenças significativas entre o percentual de trocas de monolíngues e bilíngues, produções escritas de “rr” da 5ª. série

Ainda observando-se, no quadro 4, os dados referentes à quinta série, é possível perceber diferença significativa ($Z = -1,987$; $p = 0,047$) entre o índice de trocas na escrita de monolíngues. Mais uma vez, entretanto, a lógica inicial deste trabalho é quebrada, uma vez que o grupo B cometeu erros ortográficos de forma bastante inferior ao grupo dos monolíngues. Esse fato parece colaborar com a hipótese de que os estudantes bilíngues desenvolvem uma consciência da relação fala/ escrita, compreendendo que características peculiares de sua fala devem ser observadas e alteradas na escrita a fim de evitar erros ortográficos.

Sétima série - Oralidade				
	Média/ dp (%) por série			
Segmento	Monolíngues	Bilíngues	Valor de p	Valor do teste (Z)
[r]	12,0/ 3,4	2,7/ 5,1	0,045	-2,009

Quadro 5: Diferenças significativas entre o percentual de trocas de monolíngues e bilíngues, produções orais da 7ª. série

Por fim, conforme o quadro 5, diferença significativa ($Z = -2,009$; $p = 0,045$) foi igualmente notada nos dados orais da sétima série. Mais uma vez, os estudantes bilíngues apresentaram um índice de trocas menor do que os monolíngues no segmento [r], fato já observado nos dados da quinta série, indicando que não apresentam problemas relevantes quanto à produção desses sons.

Além do referido teste, buscou-se avaliar, em um segundo momento, se as diferenças entre os índices de trocas das diferentes séries – isolando-se o grupo M do grupo B – apresentavam significância. Para tanto, selecionou-se, em um primeiro momento, o teste *ANOVA Unifatorial*, uma vez que os dados integrantes da pesquisa eram divididos em três diferentes grupos (terceira, quinta e sétima séries) constituindo, além disso, variáveis intervalares. Os testes de homogeneidade e de normalidade, entretanto, revelaram uma distribuição anormal dos dados, o que orientou a seleção do teste não paramétrico correspondente ao *ANOVA*, o teste de *Kruskal-Wallis*. Após as rodagens, não foram detectadas diferenças significativas entre os índices de trocas das séries, tanto no grupo M quanto no grupo B.

5. CONCLUSÕES E DISCUSSÕES FINAIS

Após a avaliação dos resultados, tornou-se possível perceber, em um primeiro momento, que os dados observados em Agudo demonstram que há a ocorrência de [r] em onset em início de palavra, revelando mais uma alofonia na distribuição dos róticos no português, especialmente motivada pelo papel da língua de imigração. O fenômeno da troca em onset absoluto, além disso, cometida em grandes escalas mesmo pelos falantes monolíngues, parece já integrar a variedade linguística falada no município. Por outro lado, apesar de não ser identificado como um fenômeno significativo pela análise estatística, a diminuição no índice de trocas no decorrer da escolaridade foi observada e poderia ser verificada nos trabalhos subsequentes, a fim de buscar compreenderem-se os motivos que, em caso de recorrência em tal diminuição, poderiam a estar influenciando.

A análise dos itens lexicais revelou uma vasta diversidade de estratégias de reparo para a substituição do segmento [r], fato que pode ressaltar a complexidade que esse fone impõe a uma parte dos sujeitos analisados, os quais parecem preferir empregar diversos outros fones e processos do que simplesmente utilizá-lo, especialmente em posição de coda. No caso dos contextos em que era esperado o fone [x], por outro lado, a estratégia de reparo foi única, empregada de forma praticamente categórica.

Essa variação livre percebida entre os segmentos [x] e [r] em posição de onset absoluto parece fornecer indícios de que o falante nota as similaridades entre os dois sons e os substitui de forma natural. Esse fato poderia indicar que os segmentos fricativos integram, de fato, o grupo dos róticos, contrariando as perspectivas que entendem os róticos como pertencentes à classe das líquidas.

Por fim, torna-se válido apontar que a fala característica dos municípios sedes de colonização constitui uma fonte capaz de propiciar a detecção de um grande número de fenômenos relevantes. Assim, espera-se que o trabalho aqui descrito possa incentivar pesquisadores e estudantes a interessarem-se pela análise dos aspectos abordados, como o bilinguismo e a classe dos segmentos róticos, podendo fornecer, dessa forma, perguntas e respostas capazes de fazer avançar os estudos linguísticos atuais.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- BONET, Eulália; MASCARÓ, J. *On the representation of contrasting rhotics*. Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.
- BONILHA, Giovana F. G. *Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionalista da Teoria da Otimidade*. Tese (Doutorado). Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2004.
- LINDAU, Mona. The history of /r/. In: Fromkin, Victoria A (ed.). *Phonetic Linguistics: Essays in honor of Peter Ladefoged*. 1 ed. Los Angeles: Academic Press Inc., 1985. p. 157-168.
- MADDIESON, Ian. Liquids. In: _____. *Patterns of Sounds*. California: Cambridge University Press, 1984. p.73-90.
- MAYER, M. *Frog, where are you?* New York: Dial Press, 1969.
- MEZZOMO, Carolina L.; RIBAS, Leticia P. Sobre a aquisição das líquidas. In: LAMPRECHT, Regina R. et al. *Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- MIRANDA, Ana Ruth M. *A aquisição do 'r': uma contribuição sobre seu status fonológico*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1996.
- RANGEL, Gilsenira de A. *Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1:6 a 3:0*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 2ª edição.
- WIESE, Richard. The unity and variation of (German) /r/. *Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, nº 70, p. 25-43, 2003.

